

GOHN, María da Gloria Marcondes. (2008):
Novas teorías dos movimentos sociais,
São Paulo: Edições Loyola, p. 166.

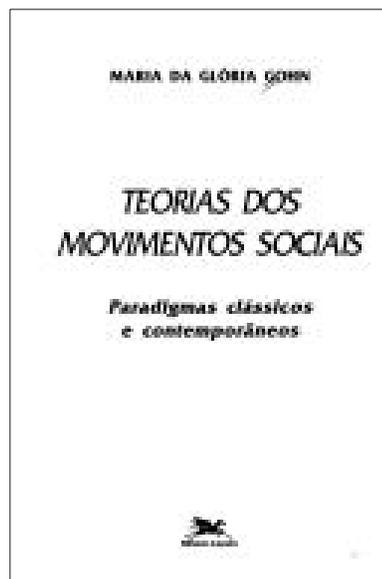
A obra a qual nos propomos resenhar dá sequência ao livro intitulado “Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos” publicado em 1997 pelas Edições Loyola e que foi fruto do Pós-Doutorado da professora Maria da Glória Marcondes Gohn realizado na New School University, nos Estados Unidos, em 1996.

Em “Novas teorias dos movimentos sociais” Gohn, ao mapear as teorias que surgiram dez anos depois da publicação do livro anterior, observou que, atualmente, existem muitas ações coletivas que não são movimentos sociais, mas que são analisadas por várias teorias contemporâneas. Segundo a autora esse fato se deu porque a realidade se modificou e com isso surgiram novos sujeitos sociais, novas formas de ação social, novas categorias de análise e ampliação das teorias existentes.

Neste texto, Gohn tem por objetivo “mapear as teorias atuais e alguns dos teóricos assinalados, localizando seu surgimento histórico, e apresentar as questões centrais destas abordagens nos últimos anos em relação ao tema dos movimentos sociais, com destaque para a América Latina.

A autora discute as teorias de ação social e como as diferentes correntes teórico-metodológicas analisam as ações coletivas para depois focar na teoria dos movimentos sociais. Além disso, analisa as novas teorias contemporâneas à luz das teorias clássicas. Gohn elucida quatro pontos fundamentais para entender os movimentos sociais em realidades como a do Brasil. São eles: 1- “a necessidade de qualificação do tipo de ação que tem sido caracterizado como movimento social; 2- as relações desenvolvidas entre os diferentes sujeitos sociopolíticos presentes no cenário público atual; 3- as alterações do papel do Estado em suas relações com a sociedade civil e em seu projeto interior e; 4- discutir as lacunas que permaneceram na produção acadêmica a respeito dos movimentos sociais”.

Entre as lacunas, a autora cita sete. São elas: 1- “o conceito de movimento social; 2- o que os qualifica como novos 3- o que os distingue de outras ações coletivas ou de



algumas organizações sociais como as ONGs, 4- o que ocorre de fato quando uma ação coletiva expressa num movimento social se institucionaliza, 5- qual o papel dos movimentos sociais neste novo século; 6- como podemos diferenciar um movimento social criado a partir da sociedade civil, por lideranças e mandatários, de ações civis organizadas ao redor de projetos de mobilização social e que também se autodenominam movimentos e, 7- quais as teorias que realmente têm sido construídas para explicá-los”.

Gohn prioriza a análise das teorias dos movimentos sociais. Por movimento social a autora entende que [...] é sempre expressão de uma ação coletiva e decorrente de uma luta sociopolítica, econômica ou cultural. Usualmente ele tem os seguintes elementos constituintes: demandas que configuram sua identidade; adversários e aliados; bases, lideranças e assessorias – que ao se organizam em articuladores e articulações e formam redes de mobilizações; práticas comunicativas diversas que vão da oralidade direta aos modernos recursos tecnológicos; projetos ou visões de mundo que dão suporte a suas demandas; e culturas próprias nas formas como sustentam e encaminham suas reivindicações.

O livro possui três partes organizadas em seis capítulos. A primeira parte está dividida em quatro capítulos e Gohn aborda as teorias dos movimentos sociais. No primeiro capítulo, a autora faz um histórico das teorias clássicas das ações coletivas e localiza o lugar do conceito movimento social naquelas teorias. Aponta que foi Lorenz Von Stein, em 1842, o primeiro autor a utilizar o termo “movimento social”, pois sentiu a necessidade de uma ciência da sociedade para estudar o socialismo emergente na França. Além dele, cita as contribuições de outros autores franceses do final do século XIX tais como Taine (1887), Tarde (1898) e Le Bon (1895). Na Europa do século XX a autora ressalta as contribuições de Max Weber, Blumer, Heberle, Turner e Killiam. Entre outros.

No segundo capítulo, Gohn apresenta as principais correntes teóricas dos movimentos sociais que são: a histórico-estrutural que se baseia nas abordagens de Marx, Gramsci, Lefevre, Rosa de Luxemburgo, Trotsky, Lênin, Mao Tse Tung; a culturalista-identitária que se baseia no idealismo kantiano, o romantismo rousseauiano, as teorias utópicas e libertárias do século XIX, o individualismo nietzschiano, a abordagem fenomenológica e as teorias da sociologia weberiana, a escola de Frankfurt e a teoria crítica de uma forma geral além de Hegel, Foucault, Habermas, Bobbio, Arendt, Giddens, Bourdieu, Touraine, Melucci. Essa corrente era formada por sujeitos e temáticas que até então não tinham visibilidade como as mulheres, jovens, índios e negros; e a institucional/organizacional/comportamentalista que se desenvolveu nos Estados Unidos, mas tem adeptos na Europa, principalmente na Inglaterra. Essa corrente busca suporte nas teorias liberais dos séculos XVII e XVIII e tem como ícones Adam Smith, John Lock, J.S. Mill, entre outros. Neste capítulo a autora ainda especifica como ocorreu a construção das teorias contemporâneas sobre os movimentos sociais.

No terceiro capítulo, Gohn analisa as novas teorias sociais contemporâneas sobre os movimentos sociais e responde a seguinte pergunta: O que está em questão nas

teorias contemporâneas sobre os movimentos sociais? Ressalta que as categorias de análise sofrem alterações e que deixa de ter o sentido atribuído por Bourdieu como um “[...] conjunto de relações sociais importantes nas sociedades não-capitalistas -, já que para ele, no capitalismo, o importante é o capital econômico aliado ao capital cultural e não mais ao capital social – uma categoria mais ligada ao status social” (p. 45). A autora chama a atenção do leitor apontando que muitos pesquisadores utilizam a categoria redes sociais no lugar de movimentos sociais. Discorre sobre as novas categorias analisadas tais como: território, classe social, raça, etnia, inclusão social, mobilização social, justiça social, entre outras. Também destaca as contribuições dadas por autores como Laclau, Honneth, Souza Santos.

No quarto capítulo Gohn localiza as novas abordagens dos movimentos sociais na América Latina. Ressalta que este novo milênio apresenta uma conjuntura social e política contraditória nesses países. No que se refere ao Brasil, a autora apresenta que a fragilidade dos movimentos sociais se deve pela perda de “[...] força política como agentes autônomos porque se transformaram em meios de institucionalização de práticas sociais organizadas de cima para baixo, práticas que são forma de controle e regulação da população.” Neste sentido, a autora cita as contribuições de Christian Adel Mirza, Rafael Sandoval Alvarez e Vandenberghe. Aponta que as categorias “mobilização social” e “desigualdade social” passam a ser analisadas na América Latina neste milênio.

Na segunda parte do livro que compõe o quinto capítulo, Gohn destaca a obra do sociólogo francês Alain Touraine. Faz uma análise crítica da contribuição que esse autor deu para a produção do conhecimento na sociologia urbana destacando o papel dos sujeitos coletivos nos processos de sociabilidade, participação e mudança social. Pauta-se nos movimentos sociais e na questão da multiculturalidade nos conflitos urbanos contemporâneos. A autora analisa a produção de Touraine a partir dos anos 1960, como ele construiu a idéia de sujeito e o papel deste sujeito nos movimentos sociais. Além disso, descreve como Touraine aborda a problemática “[...] dos direitos culturais, valores morais e categorias de pertencimento (etnia, raça, religião, territorialidade e grupos etários) na produção dos conflitos sociais na sociedade civil, especialmente nas grandes cidades, na luta por políticas sociais que complementem a questão da multiculturalidade.” Os pontos analisados por Gohn na obra de Alain Touraine são: o paradigma teórico, a trajetória da construção do conceito de movimento social e como ele os vê na atualidade, o sujeito coletivo, a questão da multiculturalidade, a cidade e os direitos culturais.

Gohn inicia a terceira parte que corresponde ao sexto capítulo do livro apontando três formatos organizativos dos movimentos sociais. O primeiro são os movimentos identitários que lutam por direitos sociais, econômicos, políticos, sociais e culturais. O segundo são os movimentos de luta por melhores condições de vida e de trabalho, na cidade e no campo, e que buscam “acesso e condições para a terra, moradia, alimentação, saúde, transportes, lazer, emprego, salário.” O terceiro são os movimentos que atuam em redes sociopolíticas e culturais, por meio de fóruns, plenárias, colegiados, conselhos, entre outros. Entre os movimentos identitários a autora destaca um específico, o das

mulheres, dada a importância dos movimentos feministas. Ressalta a origem desses movimentos e a marcha das mulheres no século XXI.

O livro merece destaque à medida que a autora busca elucidar quais são, neste milênio, as novas teorias dos movimentos sociais e as novas categorias de análise. Para isso, debruçou-se em uma pesquisa minuciosa e nos ofertou com muito mérito os resultados alcançados. Além disso, a autora nos brinda com a análise que faz da obra do sociólogo francês Alain Touraine. É importante destacar que há muitos anos ele é responsável pela formação de jovens pesquisadores que buscam analisar as ações e manifestações da sociedade civil, especialmente as ocorridas no meio urbano.

E as mulheres? Estas ainda “invisíveis” na sociedade atual são apontadas por Gohn com muita visibilidade pelas lutas que travaram desde o século XVIII até a atualidade. A autora menciona nomes de mulheres do Brasil e do mundo que buscaram e buscam incluir tal categoria na sociedade com o objetivo de fortalecer a identidade feminina. Cita uma frase da inesquecível Beth Lobo que diz “Frequentemente as análises ignoram que os principais atores nos movimentos populares eram de fato, atrizes.” Em seu texto final Maria da Glória não ignorou essas atrizes, mas as iluminou de maneira muito especial.

Ligia de Carvalho Abões Vercelli

*Universidade Nove de Julho
Brasil*